

# Pioneiro critica atravessador

Exemplo de tenacidade, coragem e dedicação ao trabalho, José Furtado dedica-se há 31 anos à produção de alimentos. Criou 9 filhos e conseguiu dar instrução a todos: "Os mais velhos já estão formados e bem empregados". José continua a luta porque ainda cria quatro filhos e todos o ajudam a cultivar a terra na hora em que não estão na escola. Ele vive, há 14 anos no Paranoá, na Chácara Nossa Senhora Aparecida, e transformou um brejo em área produtiva, vendendo em média de 300 caixas de hortigranjeiros por mês, na Ceasa e queixa-se da exploração dos atravessadores.

Muitas vezes usou de força para defender seus direitos, como na ocasião em que "dinamitou" a barragem construída pelo então diretor-executivo da Fundação Zoobotânica, Manoel Torres, "com pessoal e material da empresa, a fim de canalizar água para piscina em sua mansão no Trecho 4". José diz não "se assombrar com as coisas". Gasta muito combustível para manter um sistema de irrigação. A rede de luz passa a 700 metros da sua casa: A Terracap não deixa que ele chegue à chácara ou que se construa sequer um galpão".

## CORAGEM

José Furtado diz ser "goiano, nascido em Minas". Sua terra natal é Estrela do Sul (MG), mas foi registrado em Palmeiras (GO). Em 1957 recebeu uma chácara no lote 15 de Sobradinho, mas acabou expulso no desfecho de ação em que foi assistido por Maurício Corrêa. Foi para o Paranoá trabalhar em chácara vizinha à que ocupa atualmente.

Ficou como arrendatário durante dois anos, até que decidiu se mudar para ter sua própria terra. Segundo ele, "o produtor só consegue as coisas desse jeito". Drenou o brejo, instalou uma bomba, abriu sulcos e arou 12 hectares, a princípio "no braço, com ajuda dos meninos". Há dez meses conseguiu financiamento para comprar um trator, mas

os vizinhos acabaram por ajudá-lo, "pois os juros fizeram o valor do financiamento triplicar".

Sua produção de banana, tomate, abobrinha, couve-flor, jiló, vagem e outros é vendida na Ceasa, duas vezes por semana. Segundo Furtado, "o produtor está marginalizado na Ceasa. É obrigado a chegar de madrugada e quando começa o pregão, as pedras já estão tomadas pelos atravessadores que oferecem preços ínfimos pelos produtos". Para Furtado e outros produtores, "o ideal seria que se criasse uma feira só para nós".

Seu companheiro Wilson Massoti Primo endossa as declarações. Wilson ocupa chácara de três hectares "de pura pedra" e é obrigado a servir-se da água de José Furtado, levando-a através de rodas d'água por extensão de 1 mil e 800 metros. Produz hortigranjeiros, aves e ovos, usando-os para consumo próprio ou para atender a amigos. É economista e trabalha na Confederação Brasileira de Cooperativas. Espera a legalização da área "para investir na chácara e dedicar-se só a ela".

Ex-diretor do Parque Nacional de Brasília, Luiz Van Beehoven Benício de Abreu, funcionário aposentado do IBDF, estuda as plantas do cerrado há 27 anos e tirou daí experiên-

cia para instalar empresa em chácara de cinco hectares, onde cultiva plantas ornamentais, frutíferas e florestais. Criou a Tropicália Projetos e Jardins e emprega 19 pessoas.

Mantém um completo sistema de irrigação, estufas e viveiro. Executou os jardins das embaixadas da Holanda e do México, assim como o do "Palácio das Águas", do empresário Gilberto Salomão, e a mansão de Eustáquio Costa, na QI-16, além das residências de diretores da Telebrasil.

Para ele e um outro chacareiro, Pedro Conde, "é importante que haja regularização das chácaras com instalação de rede de águas e eletrificação". Pedro cria gado leiteiro obtendo 50 litros/dia que transforma em queijo, ricota e requeijão para comercialização. Planta milho, feijão, mandioca e cana-de-açúcar usados em parte para alimentar o gado.

O pai-de-santo Raul de Xangô tem chácara no Paranoá desde 1968 e planta milho, arroz, feijão e hortaliças, além de criar cabras e aves. Por enquanto, "controla" a produção, pela incerteza do que possa ocorrer. Falta-lhe a coragem de José Furtado, mas afirma estar estruturado para "deslanchar" a produção assim que se defina a posse da terra.

## Concessão pode legitimar uso

O consultor jurídico do GDF, Geraldo Guedes, que também participa dos estudos sobre as chácaras do Paranoá, afirma que os chacareiros podem ter legitimada a ocupação, através da concessão de uso, mas cada caso será estudado individualmente. Ele diz que "o Paranoá pode ser considerado como área fora do perímetro urbano, sendo possível, assim, instalar-se ali núcleos rurais, conforme feito em Águas Claras, Vicente Pires e outros locais".

Lembra o consultor jurídico que Raul de Xangô iniciou o processo e que o governador vê com simpatia a posição da

Associação de Chacareiros: "O governador sugeriu, inclusive, que a Apan colabore com um levantamento topográfico, já que conhece bem a área, a fim de que se possa fazer a divisão".

O secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, afirma que os produtores do Paranoá poderão ser beneficiados com a construção de supermercado com área de 80 mil metros quadrados, já em licitação pela Terracap. O mercado ocuparia 38 mil metros quadrados e ali os chacareiros venderiam diretamente seus produtos, "conforme é feito em outros mercados".